



## RIOS DA MEMÓRIA QUE CORREM PELA NARRAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE A PROSA DE GUIMARÃES ROSA E CONCEIÇÃO EVARISTO

Eduardo Souza Ponce<sup>1</sup>  
Maria Carolina de Godoy<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho partiu das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Literatura afro-brasileira e a sua divulgação em rede” e objetivou apresentar relações entre a escrita de João Guimarães Rosa e Conceição Evaristo. Ao elencar um dos nomes mais representativos do cânone literário brasileiro e buscar diálogos entre a sua escrita e a prosa de uma das autoras de maior destaque da literatura afro-brasileira, pretende-se identificar aproximações possíveis entre o modo de narrar do escritor mineiro e o de Conceição Evaristo. Tema presente na escrita de ambos, o rio, enquanto símbolo que evoca a memória e o apagamento, foi o ponto de partida para se pensar nas congruências temáticas e de estilo entre os autores, principalmente no que tange às marcas da oralidade. Foram escolhidos, como objetos de análise, os contos “A terceira margem do rio” (2001) e “Ripuíria” (1976), de Guimarães Rosa, e os romances *Becos da memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003), da autora afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; Conceição Evaristo; Prosa.

### Introdução

O presente trabalho partiu das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Literatura afro-brasileira e a sua divulgação em rede”<sup>3</sup>, cujo objetivo é o estudo da produção literária de autores e autoras negros e afrodescendentes que se assumam ideologicamente como tal, e pretende estabelecer aproximações entre a prosa de Guimarães Rosa e Conceição Evaristo. Parte-se do estudo da imagem do rio, enquanto eixo de significação dos conflitos internos e ativador das lembranças das personagens, e pretende-se, ao buscar proximidade entre o modo de narrar dos dois autores, com destaque ao que se refere às marcas de

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas e Clássicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [duds\\_ponce89@hotmail.com](mailto:duds_ponce89@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [mcdegodoy@uol.com](mailto:mcdegodoy@uol.com)

<sup>3</sup> O projeto recebe apoio financeiro do CNPq e da Fundação Araucária.



oralidade, observar de que maneira o rio e a memória estão entrelaçados à narração na tessitura do texto.

Como objetos de estudo foram escolhidos os contos “A terceira margem do rio” e “Ripuária”, de João Guimarães Rosa, publicados nos livros *Primeiras histórias* (2001) e *Tutaméia* (1976), respectivamente, e os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2013) de Conceição Evaristo.

### Rios de memória: apagamento e continuidade

Narrado em primeira pessoa, por um filho cujo pai decidiu isolar-se socialmente no centro de um rio, o conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa apresenta o rio como símbolo da profundidade existencial: quietude e apagamento. O pai do narrador se apaga socialmente à medida que opta por se isolar. Apesar de sua escolha, permanece nas lembranças dos familiares até que, pouco a pouco, esses partam e apenas o narrador permaneça para se lembrar. O filho, que se encarrega de levar comida ao pai, de certo modo mantendo a sua existência, percebe-se cada vez mais parecido com ele, não oculta o orgulho que sente em parecer ter herdado os trejeitos de seu pai e chega a mentir pela necessidade de presentificá-lo:

[...] Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade (ROSA, 2001, p. 83).

Desse modo, conforme o pai vai se apagando socialmente, o filho torna-se cada vez mais a presença da lembrança do pai. O que sobrevive na memória dos outros é percebido fisicamente no narrador-protagonista. Com o passar dos anos e avanço da maturidade, as semelhanças apenas aumentam. Enfatiza-se a ideia de continuidade a despeito do desejo de apagamento do pai.

No desfecho do conto, pensando que está pronto para assumir o lugar do pai em seu isolamento, o narrador fracassa quando chega o momento de ir ele mesmo para o centro do



rio. Relata o medo que sente e a fuga e, ao questionar se ele ainda seria digno de ser homem após o ato covarde, dá indícios de que seu apagamento se dará em terra, seguindo, tragicamente, o destino do pai: apagar-se, como se pode observar:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que **não foi, o que vai ficar calado**. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio (ROSA, 2001, p. 85).

Assim como no conto do autor mineiro, em *Ponciá Vicêncio* (2003), primeiro romance da também mineira Conceição Evaristo, o rio carrega a ideia de apagamento e continuidade. É ao observar o seu reflexo nas águas do rio e questionar o seu próprio nome que se dá o primeiro momento de questionamento da própria identidade para Ponciá, ainda menina. Se de um lado o rio reflete para a personagem o seu esvaziamento, do outro lado pode-se observar que é das margens do rio que ela, ainda na infância, retira o barro usado para modelar, junto de sua mãe, os utensílios que garantem parte de seu sustento. A criação, para Ponciá, é o elo que a mantém ligada à sua identidade e à sua ancestralidade. Modelar é criar a si mesma. Das suas mãos nasce o boneco de barro idêntico ao seu avô, e, ao criar a réplica de seu antepassado, a menina passa a imitar os seus trejeitos, assumindo para si uma identidade:

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e com todo o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro tão igual ao velho (EVARISTO, 2003, p.18).

Atrelado ao boneco do avô está a ideia de continuidade, pois Ponciá assume para si, além dos trejeitos do avô, a sua dor particular e a dor de seu povo, características representadas pelo riso-pranto e pelas ausências que atormentam a personagem em sua fase adulta e no desfecho do romance, quando ela é acometida por delírios, deslizando para fora da



realidade. Modelar o avô é um ato de resistência ao apagamento imposto pelo nome no qual não se reconhece tanto pelo acento gráfico quanto pelo sobrenome, marca da escravidão de seu povo. Já adulta, a conclusão de seu apagamento não se dará pela percepção de seu reflexo nas águas do rio, esta ocorrerá em frente ao espelho:

Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantando, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada (EVARISTO, 2003, p. 17).

Frente ao esvaziamento que sente, resta à Ponciá buscar no modelar o barro a força de criação. Modelar o barro, para ela, é uma estratégia de construção identitária, pois, na medida em que o faz, está modelando a si mesma. O rio e a figura de barro do avô fundir-se-ão para representar essa necessidade de encontrar-se a partir da criação artística.

Um dia, depois de olhar para o homem como se não o visse, depois de tantos anos recolhida, aterrada morta-viva dentro de casa, Ponciá Vicêncio sorriu, gargalhou, chorou, dizendo que sabia o que fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio. Dizendo isso apanhou debaixo do banco a estatueta do homem-barro (EVARISTO, 2003, p. 123).

Voltar ao rio, logo, voltar a modelar o barro, para Ponciá, mesmo quando em um estado de loucura semelhante ao do avô, é a forma encontrada de resistir, impor-se contra o apagamento.

Nas duas narrativas, percebe-se a maneira como a problematização da identidade, a noção de apagamento e a ideia de continuidade estão entrelaçadas ao rio. Nesse sentido, o rio não está limitado a representar os conflitos internos das personagens, ele interage diretamente com eles: Ponciá se enxerga no rio e dele tira o barro; o pai, em “A terceira margem do rio” (2001), se isola nas águas e o filho fica à margem a observá-lo na esperança de um dia estar outra vez com ele ou substituí-lo. O rio transcende os limites de espaço da narrativa e de representação dos conteúdos internos das personagens ao se tornar eixo de significação da narrativa, aproximando-se, desse modo, da caracterização de uma personagem.



## O rio é o tempo: a travessia do rio como símbolo da memória e do futuro

Ainda ligado à ideia de memória, o rio, em *Becos da memória* (2013) de Conceição Evaristo, é o elemento responsável por ativar as lembranças de Tio Totó, e simboliza, ao mesmo tempo, tudo o que ele perdeu e tudo o que ele precisa se lembrar para continuar vivendo (margem em que se encontra) e, por outro lado, aquilo que está por vir, o futuro (margem que está à frente). Estando livre da escravidão, Tio Totó pode escolher entre permanecer na fazenda na qual trabalha ou buscar uma vida melhor, e, ao lado de sua esposa e sua filha, opta por partir e ir atrás de uma nova condição de vida. Ao narrar a sua travessia, ele marca o rio como divisor de sua história, a travessia torna-se um momento reiterado em forma de lembranças que, de certo modo, retornam para assombrá-lo:

Totó chegou são, salvo e sozinho na outra banda do rio. Chegou nu das pessoas e das poucas coisas que tinha adquirido. Onde estavam Miquilina e Catita? Não! Não podia ser... Será que elas... Não! Será que o rio tinha bebido as duas?

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, casas, bichos, gente e gente e gente...

[...] Totó, moco de tantas coragens, continuou na outra banda do rio. São, salvo e sozinho. Continuou ali covarde, sem muita coragem de voltar ao rio e à vida (EVARISTO, 2013, p. 45).

Se a margem na qual estava simboliza o passado, a vida com ecos da escravidão das quais ele pretendia se afastar, a outra margem, aquela que ele só alcançaria após a travessia, mostra-se o futuro, o que ele pode alcançar. Porém, no percurso do passado que se deve deixar para trás, sem jamais esquecer, e o futuro que se projeta como uma nova vida, Tio Totó perde a família e os poucos pertences, e agora só lhe resta seguir em frente. A nova vida, que se projetara quando estava na outra margem, mostra-se não tão diferente quando a personagem se põe a avaliar a sua jornada. Quando a favela em que vive passa por um processo de desconstrução e todos os moradores recebem a ordem de despejo, Tio Totó acredita que não suportará mais uma travessia, mais perdas após tantas. Morre na favela, antes de seu barraco ser destruído, e deixa para Maria-Nova a missão de contar as histórias que para ela transmitiu.



Sendo assim, nota-se que não houve mudança entre uma banda do rio e outra, apenas o sofrer acumulado para Tio Totó. “As pedras pontiagudas batendo no seu peito” (EVARISTO, 2013, p. 122) nas palavras da personagem.

Similar a trajetória de Tio Totó ao buscar o futuro pela travessa do rio, em “Ripuária”, o protagonista, Lioliandro, olha “[...] por cima do rio como para um segredado” (ROSA, 1976, p. 134). O outro lado do rio é o que ele anseia descobrir. A “banda de lá”, assim como para Tio Totó, é uma promessa de vida nova, carrega consigo a esperança, acorda expectativas como se estivesse cruzando a linha do passado para o futuro. Não se encaixando em sua família e não sendo compreendido pelos da “banda de cá”, Lioliandro enxerga a travessia como única forma de encontrar um lugar no qual se sinta bem. Conforme Adilson dos Santos (2009, p. 210-211), o rio, para Lioliandro, representa a conquista do amor, o progresso e a emancipação, e é cercado por uma aura de mistério. Por não se sentir acolhido na terra onde nascera, o protagonista enxerga a travessia do rio como único meio de libertação e encontro com um lugar de pertença. Tenta, sem sucesso, alcançar no outro lado do rio o que lhe falta. Na terceira tentativa, sua jornada é frustrada, pois não há nada de diferente do lado de lá. Ao tentar cruzar o rio, é informado, por aquela que viria a ser a sua mulher, que do outro lado é exatamente igual ao lado de cá, pois de lá ela viera. Desse modo, não há diferença entre uma banda e outra, entre o passado e o futuro, e, por mais que a travessia se mostre instigante, cruzar o rio de nada adianta, pois não há do outro lado a transformação que ele espera.

Enquanto em “A terceira margem do rio” (2001) e em *Ponciá Vicêncio* (2003) o encontro consigo mesmo dar-se-á por estar no rio, fazendo dele sua morada, ou pelo confronto com o próprio reflexo em sua superfície, respectivamente, importando mais a contemplação das águas e a profundidade do rio do que a sua travessia, em *Becos da memória* (2013) e *Ripuária* (1976) o encontro do sujeito com os seus conteúdos internos estará ligado ao ato de alcançar a outra margem. A esperança de que do outro lado algo novo os espera é o que motiva essas personagens a continuarem vivendo, já que aquilo que está deste lado do rio não é mais o suficiente. A descoberta de si, para Lioliandro e Tio Totó, não está na contemplação das águas, dá-se pela travessia, tentativa de alcançar no outro lado o futuro ou



uma nova vida. Encontrar-se só se tornará possível ao chegar um lugar no qual se reconheça. Porém, ao revelar que não há distância entre o que está aqui e o que está do lado de lá, essa travessia é frustrada. Não há uma nova vida do outro lado do rio, pelo contrário, essas personagens se veem na mesma realidade. Para Tio Totó são apenas perdas que se acumulam em uma vida que se repete. Após a travessia, ele se percebe sozinho e acumulado de dores na outra margem. No que diz respeito a Lioliandro, mesmo que para ele o amor tenha vindo do outro lado do rio, ao descobrir que o lado de lá é igual ao lado de cá, a personagem vê frustradas as suas expectativas de encontrar um lugar de pertença.

### **Narradores que se aproximam da oralidade**

Pensando em uma linguagem que se aproxime da oralidade, nota-se como essas narrativas estão próximas da tradição de contar histórias, ligadas à prática oral:

**Por esses espaços** ninguém metia lança, devido a que o rio em seio de sua largura se atalhava de corredeiras – paraíba – repuxando sobre pedregulho labaredas d’água; só léguas abaixo se transpunha, à boca de estrada, no Passo-do-Contrato. **De lá surgia pessoa alguma.** — “*Lá não é mais Minas Gerais...*” — o pai, João da Areia, quando vivo, compunha o jurar (ROSA, 1976, p. 135).

No fragmento de “Ripuária”, o narrador aproxima-se da arte de contar histórias ao se posicionar como alguém pertencendo a esse espaço, simulando a experiência de contar narrativas também pertencentes ao lugar. Ao separar em “por esses espaços” e “de lá”, o narrador apresenta dois grupos e coloca-se próximo ao primeiro, o que lhe dá autoridade de contar uma história do lugar ao qual pertence.

Em *Becos da memória* (2013), a oralidade se faz, nas lembranças de Tio Totó, entremeando-se ao lirismo característico da autora:

Um dia, ainda com a primeira mulher, tivera de deixar a fazenda em que foram criados trabalhando na roça. As terras haviam sido vendidas, os donos estavam em má situação. **Quem quisesse ficar, ficasse, quem não quisesse, arribar podia.**  
[...] **O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.**



**Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá** (EVARISTO, 2013, p. 33-35, grifo nosso).

A maneira pela qual se apresenta a escolha de partir e o rio a cheia do rio a levar tudo “de roldão”, além de marcada pelo tom poético da escritora mineira, aproxima-se da fala pelo uso de vírgulas que sintetiza os acontecimentos (quem quisesse ficar, ficasse, quem não quisesse, arribar podia) e as perdas que sofre o personagem.

No que diz respeito a outra marca característica da narração desses autores, tratando ainda do campo da linguagem, destacam-se os neologismos de Guimarães Rosa e a hifenização característica de Conceição Evaristo. Ambos se utilizam da plasticidade da língua, esgarçam os signos e os dobram à sua vontade para transcender a insuficiência das palavras em transmitir ideias e sentimentos. Valem-se dessas estratégias para a construção do sentido do texto e para transpor em palavras algo que dificilmente se conseguiria: “[...] E virava-se para a extensão do rio, **longeante**, a não adivinhar a outra margem” (ROSA, 1976, p. 134, grifo nosso). O termo “longeante”, que se pode pensar como fusão de longe e distante ou a diante, é utilizado para simbolizar o sentimento de impotência do narrador em relação à distância do pai. Mais do que simplesmente longe de seu contato e distante de sua voz, o pai encontra-se também afastado de seu convívio, estando presente apenas em lembranças.

Na prosa de Conceição Evaristo, o uso do hífen mostra-se, da mesma forma, um artifício na ampliação da rede de significação da palavra: “[...] Medo por começar outra **novamesma** vida” (EVARISTO, 2013, p. 233); “[...] Agora havia uma semente sua plantada no **útero-terra** da mulher” (EVARISTO, 2013, p. 231). Nos fragmentos apresentados, a hifenização potencializa a carga de significação do vocábulo. No primeiro caso, a “novamesma vida” destaca a dor gerada na impotência de ver frustrada a esperança de uma nova vida que nasce após cada novo começo. No segundo, a imagem de “útero-terra” refere-se à força motriz da mulher, imagem recorrente na literatura de Conceição Evaristo, enfatizando a possibilidade de gerar vida, pois, ao aproximar as duas palavras (útero e terra) pode-se pensar tanto na terra e a sua significação bíblica ligada à criação quanto na terra enquanto fertilidade do solo. Sobre a utilização da hifenização na tessitura da literatura de Conceição Evaristo, Adélcio de Sousa Cruz (2015) afirma que:





[...] No que diz respeito à produção de Evaristo, nesta coleção de contos, especialmente, ressalta o recurso de escrita que se baseia na hifenização, a qual passo a denominar, neste caso específico, palavras siamesas (...). Esse jogo de busca-descoberta com palavras, devo mencionar também, passa pela experiência de Evaristo como leitora e produtora de poesia.

### **Experiências compartilhadas: a proximidade com o narrador benjaminiano**

Outro traço pelo qual se pode aproximar o modo de narrador dos dois autores está na proximidade que existe entre os narradores de suas obras e o narrador benjaminiano, aquele capaz de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p. 213). Em Guimarães Rosa temos um narrar próximo à tradição de contar histórias no conto “A terceira margem do rio” por meio de um narrador que conta a história de seu pai e se questiona no final, compartilhando a sua experiência como quem pede um conselho ou transmite um ensinamento que não deve ser ignorado. Estratégia diferente apresenta-se em “Ripuária”. No conto, o narrador em terceira pessoa assume a sua pertença ao local que narra:

Seja por que, o rio ali se opõe largo e feio, ninguém o passava. Davam-lhe as costas os de cá, do Marrequeiro, ignorando as paragens dele além, até à dissipação de vista, enfumaçadas. Desta banda se fazia toda comunicação, relações, comércio: ia-se à vila, ao arraial, aos povoados perto. João da Areia, o pai, conhecia muita gente, no meio redor, selava a mula e saía, frequente. O filho, Lioliandro, de fato se aliviava com essas ausências (ROSA, 1976, p.134).

Ao posicionar-se na “banda de cá”, o narrador coloca-se como alguém que de fato pertence aquele lugar e conhece aquela história. Dá indícios, ao longo do texto, que se trata de uma história daquele espaço e, por isso, estaria próximo ao narrador benjaminiano do tipo “mestre sedentário” (BENJAMIN, 2012, p. 215), aquele que coleciona histórias do lugar.

Em *Becos da memória* (2013), Tio Totó e Bondade, personagens que conhecem o mundo além da favela em que vive Maria-Nova, configuram-se próximos ao narrador do tipo “artífice viajante” (BENJAMIN, 2012, p. 215), pois narram para a menina histórias, suas ou não, que colecionaram em suas andanças. Maria-Nova, por sua vez, revela-se uma narradora do tipo sedentário. A menina, que ao longo do romance coleciona histórias, fundando a cadeia



de transmissão benjaminiana, assume para si, no desfecho da obra, a tarefa de transmitir o que lhe foi transmitido e aquilo que foi vivenciado. Pensando em *Becos da memória* (2013) enquanto narrativa cíclica, pois o final leva o leitor de volta ao início, a proximidade de Maria-Nova com o narrador benjaminiano torna-se mais clara.

[...] Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2013, p. 247).

Se a menina assume para si a tarefa de escrever a história daqueles que viveram na favela e o início da obra é pela voz da menina dedicando o romance a eles, pode-se afirmar que o romance é a narrativa das experiências de Maria-Nova, vividas por ela ou a ela transmitidas. Após a apresentação, Maria-Nova passa a voz narrativa a uma terceira pessoa que parece tudo conhecer, saindo da posição de narradora e assumindo o papel de personagem. Sobre a urdida configuração da narrativa, Luiz Henrique Silva de Oliveira (2009, p. 623), ao buscar vestígios autobiográficos no romance, compreende Maria-Nova como jogo especular da autora, Conceição Evaristo. Ao traçar paralelos entre as experiências da autora, as da personagem e o conceito de “escrevivência”, convergência entre as experiências individuais e coletivas e a escrita, presente na produção literária de Evaristo, conclui:

Coube a Evaristo registrar o desejo de Maria-Nova e, logo, seu próprio desejo. O desdobramento de uma em outra e as pontes metafóricas que pretendemos instaurar não esgotam as possibilidades de leituras, mas permitem a possibilidade de muitas outras, que despertem o afã de também escrever.

### **Considerações finais**

Buscou-se, no decorrer deste trabalho, pensar o rio além de tema ou símbolo, abarcando-o enquanto elemento que dialoga com o modo de narrar. A narração, ao se utilizar das memórias que são evocadas ou ao se dividir entre o antes (banda de cá) e depois (banda de lá), remete ao fluxo das águas, e é a oralidade desses narradores, próxima à tradição oral de



contar histórias, que garante a cadência dessas narrativas. Enquanto símbolo, o rio vem carregado pelo significado de transformação. Em “Ripuéria” (1976), ele se confunde com os sentimentos do protagonista que tenta não enfrentar o amor e que, deslocado no local em que nasceu, entre os seus, busca na travessia do rio o sentido que não encontra no lugar em que vive. Em *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2013), o rio está ligado às ideias de medo e esperança. No conto “A Terceira margem do rio”, além dessas interpretações, ainda pode-se considerar o rio como símbolo da descoberta de si mesmo, ideia também presente em *Ponciá Vicêncio* (2003), cuja jornada da protagonista é marcada pelo contraste entre apagamento e continuidade. Destarte, o rio, além de se entremear ao fluxo do narrar, dialoga com os conteúdos internos da personagem, ativador da narração daquilo que está sob a superfície de sua psicologia, tornando-se modo de narrar, símbolo e personagem simultaneamente.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

CRUZ, Adélcio de Sousa. —Revelações de *Olhos d'água*. **O tempo**. Belo Horizonte, 05 abr. 2015. Diversão. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/revela%C3%A7%C3%B5es-deolhos-d-%C3%A1gua-1.1019389>> Acesso em: 27/04/2015.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivência’ em *Becos da memória* de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, mai./ago., 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

\_\_\_\_\_. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

ROSA, João Guimarães. Ripuéria. In:\_\_\_\_\_. **Tutaméia** (Terceiras estórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_. A terceira margem do rio. In:\_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



**ANAIS ELETRÔNICOS DO IX Colóquio de Estudos Literários**

*Diálogos e Perspectivas*

SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.)

Londrina (PR), 15 e 16 de setembro de 2015.

ISSN: 2446-5488

p. 131-142

SANTOS, Adilson dos. Duplos em Tutaméia: terceiras estórias. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em letras – Área de Concentração: Estudos Literários). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.